**Lavadeiras no processo de modernização de Florianópolis**

Dentre as profissões que se perderam no tempo na cidade de Florianópolis, e em muitas outras, uma delas é a das lavadeiras. O trabalho, que hoje é feito dentro de casa e comumente com a utilização das máquinas de lavar, até o início do século XX era feito em córregos e rios, locais fora de casa, posto que não havia água encanada. Geralmente, era realizado por mulheres das classes populares, muitas delas escravas ou ex-escravas. Oswaldo Rodrigues Cabral nos mostra como era valorizada a prática de uma boa lavagem de roupas no trabalho escravo, já que era uma atividade especificada nos anúncios de compra e venda:

Precisa-se comprar uma escrava que saiba cosinhar, lavar e engomar, quem a tiver, dirija-se a esta tipografia que se dira quem a compra. [[1]](#footnote-1)

Vende-se uma escrava parda, de 23 a 24 anos, muito sadia, excelente cosinheira, própria para uma casa de trato, boa lavadeira, superior engomadeira, muito fiel, carinhosa, calada e de bom genio. [[2]](#footnote-2)

Com a abolição da escravidão em 1888, sem nenhuma política de assistência ou remanejamento do contingente de trabalho escravo no Brasil, muitos ex-escravos se viram numa situação de ter de improvisar sua sobrevivência. Assim, presume-se que muitas ex-escravas continuaram a ser as lavadeiras das roupas das famílias mais abastadas.

Um ponto interessante a se notar no trabalho do médico-historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, é que mesmo produzindo uma dita “história tradicional”[[3]](#footnote-3), aonde a presença das mulheres não é comum, são relatadas muitas cenas da vida cotidiana em Desterro/Florianópolis[[4]](#footnote-4) e, dentre elas, incluem-se as atividades feitas por mulheres. Desse modo, sobre as lavadeiras ele nos conta:

Por todo o trajeto dos riachos e cursos apontados, agrupavam-se as lavadeiras, às primeiras horas da manha, chalreando, batendo a roupa nas pedras e cantando, enquanto esfregavam entre os dedos as peças, espumantes de sabão. Para que as águas não fugissem, correntosas, com pressa além da razoável, provocavam as lavadeiras, a custa de pedras e lama, tranquilos remansos, ficando neles as águas represadas, limosas, cobertas por uma nata de sabão e detritos. Assim podiam ensaboá-las, deixando para a corrente mais rápida o enxaguamento final.[[5]](#footnote-5)

Além de contar sobre o cotidiano das lavadeiras, com esse trecho percebemos a importância que tinham os cursos d’água na vida de tais mulheres. Muitas delas moravam ao redor das fontes e córregos, caso do Rio da Bulha, conhecido por ser local apinhado de gente humilde que morava em casas do tipo porta e janela ou cortiços e que utilizavam o rio tanto como local de trabalho como ponto de despejo dos seus dejetos e dos animais que morriam e que criavam à solta.[[6]](#footnote-6)

A historiadora Michelle Perrot, ao falar dos “excluídos da história”, nos conta sobre a prática das mulheres nos lavadouros no século XIX na França, local que, segundo ela, desempenhava papel muito grande na vida dos bairros e era ponto alto para a sociabilidade feminina[[7]](#footnote-7). Mais que um lugar funcional, os lavadouros eram centros de encontro onde se trocavam informações de todo tipo, receitas e remédios, endereços, novidades. Assim, apesar das possibilidades de conflito, Perrot afirma que eram “uma sociedade aberta de assistência mútua”, classificando inclusive os lavadouros como palco para um “feminismo prático”.

Se estendermos as considerações de Michelle Perrot sobre os lavadouros da França para os rios e córregos onde as lavadeiras de Florianópolis realizavam seu trabalho, podemos crer que aqui também esse compartilhamento de experiências e informações acontecia, de modo a estabelecer redes de solidariedade entre as mulheres lavadeiras. Assim, os cursos d’água se tornam ainda mais significativos para nós entendernos o trabalho e a vida dessas mulheres.

Para saber um pouco mais do trabalho das lavadeiras, também podemos contar com as memórias das mulheres que fizeram a vida lavando roupa. Caso é de D. Hercília Oliveira, entrevistada por Jaqueline Schmitt em sua dissertação sobre as memórias de trabalhadores e trabalhadoras de Florianópolis[[8]](#footnote-8) e que relata o seguinte:

Eu nasci e morei toda a vida em Capoeiras. Lavava para a cidade, passava a ponte a pé, buscava a roupa uma vez por semana, ia buscar na segunda-feira, com meu filho e levava na sexta-feira. Quando chovia eu não ia [...] De noite a gente não trabalhava, porque também era dona de casa, tinha marido, filhos, tinha que cuidar da casa também. Eles mandavam a roupa com sabão, eu tinha uma que me ajudava a passar, porque eu não gostava de passar. Eu tinha que lavar, passar, mas era muita roupa. (...) Pagavam bem não, já viu lavadeira ganhar bem... [[9]](#footnote-9)

O relato de D. Hercília mostra as relações de classe e gênero que permeavam o trabalho das lavadeiras: ela, mulher pobre e que vivia em bairro afastado do centro, buscava a roupa que ia lavar “para a cidade”, provavelmente se referindo assim à famílias com melhores condições econômicas que a dela e que moravam na região central de Florianópolis. Além disso, conta do trabalho paralelo como dona-de-casa e como era responsabilidade sua, como mulher, o cuidado com a casa, o marido e os filhos.

Nesse caso, o trabalho de D. Hercília já não era realizado em riachos fora de casa, o que também demostra as mudanças operadas ao longo do tempo com o trabalho das lavadeiras. Mais adiante no texto, pretendo mostrar como as reformas urbanas operadas em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX impactaram esse tipo de trabalho.

Antes disso, um outra problematização: falando sempre em lavadeiras, palavra no gênero feminino, é fácil associarmos a lavagem de roupas, atividades que são do espaço privado, às mulheres. E realmente, nos registros que existem sobre lavadeiras, os poucos que têm só dizem sobre mulheres. Contudo, não podemos fazer essa ligação de modo instântaneo, pois não é um trabalho que prescinde de algo que só as mulheres possuem. Por falar nisso, em “O Cortiço”, obra de literatura brasileira em estilo realista, Aluisio de Azevedo nos fala de Albino, homem “afeminado”, que morava no cortiço e era lavadeiro:

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caia, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo.[[10]](#footnote-10)

O personagem de Aluisio de Azevedo é intrigante para pensarmos essa questão dos sujeitos que tinham por profissão a lavagem de roupas. Mesmo sendo um homem, o autor nos descreve Albino como um “sujeito afeminado”, tratado por outras mulheres como alguém do mesmo sexo, sabendo dos segredos que as mulheres “não exporiam em presença de outro homem”.[[11]](#footnote-11) A partir disso, podemos pensar que a lógica desse tipo de trabalho estava mais atrelada a uma prática dita feminina, do que exclusivamente de mulheres. Também percebemos como essa profissão é historicamente construída baseada na divisão sexual do trabalho e aí nos deparamos com a importância da inserção do gênero como categoria da análise histórica. Em fontes e bibliografia sobre Florianópolis e regiões ao redor, não foi encontrado nenhum “lavadeiro”, ainda que possam ter existido.

**As lavadeiras “em reforma”**

A partir da proclamação da República no Brasil em 1889 reformas sociais e urbanas foram operadas de modo a reordenar os principais centros urbanos do país no intento de encaixá-los nos modelos de civilização e progresso importados da Europa. Em Florianópolis isso não foi diferente, ainda que um tanto mais tardiamente das outras capitais. Uma elite formada principalmente de comerciantes prósperos ansiava por reformas que promovessem um reajustamento de sua população segundo os ditames burgueses de organização social. [[12]](#footnote-12) Nessas reformas, na medida que as camadas privilegiadas procuravam delinear um modelo ideal de civilidade, foi também constituído a imagem do “outro”, aqueles que não se enquadravam nos padrões burgueses. Construiu-se, assim, perfis de gente indesejada, espaços foram delimitados e toda uma série de medidas segregatórias tomadas afim da remodelação social.

Na Europa, o desenvolvimento técnico e científico do século XIX deu ensejo a uma profunda crença no progresso e na ciência. Essas noções chegam ao Brasil e aqui em Santa Catarina podiam ser percebidas nas ideias do Partido Republicano Catarinense, o qual tinha forte influência do positivismo de Augusto Comte pelas concepções organicistas do funcionamento social e também nas teorias evolucionistas de Charles Darwin e Herbert Spencer.[[13]](#footnote-13) Desse modo, o conhecimento científico passa a ter cada vez mais espaço nas políticas para a população no final do século XIX e início do XX. Foucault explica esse processo com o conceito de biopoder, o qual visaria a governabilidade não mais do indivíduo, mas da população como um todo através de uma série de práticas disciplinares a serem exercidas sob uma justificativa racional. Práticas como saúde, cuidados com o corpo, alimentação, higiene, sexualidade e outros costumes, passam a ser alvo dos biopoderes e expressas numa política de medicalização social afim, em última instância, do controle da população como um todo[[14]](#footnote-14).

Assim, o discurso médico aparece como componente essencial na articulação das reformas operadas em Florianópolis. Num processo descontínuo e que se inicia já no final do século XIX, médicos e sanitaristas aparecem como novos atores sociais decisivos para a política da época. Segundo Hermetes Reis de Araújo, esse tipo de controle foi exercido especialmente sobre setores populares apontados como responsáveis pela degenerescência da sociedade nos discursos sanitaristas.

No ensaio de João Ribeiro de Almeida, datado de 1864, a vida das lavadeiras é tratada com esse tom “higienizador”. Falando sobre os bairros pobres do centro de Florianópolis ele conta que:

A toca, situada na encosta da montanha do Menino Deus e na praia que a circunda, é habitada por toda uma profílitica população de pescadores. Entre as casas que habitam, algumas há, que podendo em rigor abrigar 2 pessoas, acomodam o quadrúplo ou quíntuplo. As mulheres são lavadeiras (em geral) e conseguintemente tem de guardar em casa roupa molhada, sua ou alheia. (...) Resulta disto, que a umidade, que pouco a pouco se vai evaporando, satura o ar e impregna tudo até a própria cama. Além da roupa lavada, guarda-se nessas casas peixe e os utensílios de pesca, tudo molhado e exalando cheiro característico de maresia. (...) Este bairro habitado por gente dada ao trabalho, mas pouco amiga do asseio, é dizimada por todas as epidemias que aqui aparecem.

(...) Na Pedreira, uma parte da Tronqueira e becos adjacentes, em miseráveis choupanas (algumas piores que as da Toca) reside uma tribo de lavadeiras de condições diversas, umas livres, outras escravas (mas com permissão de residir fora de casa) e outras escravas que só vem lavar; este bairro quanto a habitantes do sexo masculino só conta soldados. Desta união bem se pode prever o que deva resultar.[[15]](#footnote-15)

Como consta no ensaio, uma grande preocupação da época era com o ar que impregnado de miasmas causava toda a sorte de doenças. Assim, a concentração de pessoas, o ar carregado de umidade, o mau cheiro de dejetos jogados nos rios, praias, ruas e fundos de quintais, tudo era associado à causa das moléstias. Mas não quaisquer pessoas, eram as gentes pobres culpabilizadas pelo olhar burguês que passava a se preocupar com a higiene do corpo e da sociedade e cuja falta era associada à doenças. As lavadeiras, mulheres pobres, fazem parte desse grupo e como mostra o ensaio são objetos de análise e alvos de projetos de sanitarização.

Entretanto, é no começo do século XX que esse desejo se expressa em inúmeras políticas de segregação social aplicadas junto às reformas urbanas. Araújo relata que junto a esse processo, houve a implementação de instituições públicas com o objetivo de promover melhores condições sanitárias para a capital, tais como a instalação na região central das primeiras redes de água encanada em 1909, em 1910 a iluminação pública através de energia elétrica e a construção da rede de esgotos entre 1913 e 1917.[[16]](#footnote-16) Além disso, houve o calçamento de ruas, jardins foram construídos para embelezar o centro, algumas áreas da cidade foram aterradas e drenadas e edifícios públicos foram construídos. Conforme aponta Araújo, nos jornais a população se manifestava contra os dejetos acumulados em becos e córregos, a criação de animais soltos, o lixo de toda a vizinhança. Os bairros pobres do centro - Pedreira, Figueira, Toca e Tronqueira - eram visados a ser transformados, o que significava a demolição dos casebres e cortiços e a retirada dos seus moradores para a  instalação de instituições de acordo com o projeto modernizador[[17]](#footnote-17).

Nesse ínterim, em relação às mulheres trabalhadoras, de acordo com Joana Maria Pedro as reformas “tornaram difícil, especialmente, a permanencia de dois tipos de trabalho feminino, muitas vezes executado simultaneamente: a lavagem de roupas e a prostituição”[[18]](#footnote-18). Como já comentado anteriormente, os cursos d’água tinham grande importância na vida das lavadeiras, assim é que no esforço do governo para retificar, aterrar, sanear e urbanizar bairros do centro o espaço de trabalho das lavadeiras foi sendo cada vez mais delimitado.

Segundo Joana Pedro, uma das consequências da restrição do espaço de trabalho das lavadeiras é a disputa pelos córregos que ainda restavam e os conflitos entre elas que chegavam a ser motivo de prisão. Segundo a autora, durante as reformas, os registros policiais ficaram repletos de ocorrências envolvendo as lavadeiras, presas por “desordem pública”, como nos casos de Florinda Joana em 1911 e de Maria do Nascimento e Isabel Antunes dos Santos em 1918. Além disso, as brigas podiam resultar em ferimentos o que levava as lavadeiras a serem presas por motivos mais graves, como Antônia Lopes dos Santos presa em 1914, e mesmo por homicídio como foram acusadas as lavadeiras Maria Gonçalves Martins em 1911 e Marcolina da Conceição em 1914.[[19]](#footnote-19) Além destas, também há o registro da prisão da lavadeira Herminia Maria de Castro, presa por desordem em 1916.[[20]](#footnote-20)

Ademais, muitas outras prisões de mulheres “sem profissão” bem poderiam envolver lavadeiras. Isso acontece, não só porque as mulheres pobres “improvisavam” a sua sobrevivência realizando diversas formas costumeiras de ganho [[21]](#footnote-21), como também, segundo Jaqueline Schmitt, porque no início do século XX era considerado trabalhador apenas aquele ligado ao trabalho formal, ou seja, em fábricas, empresas e no comércio. Portanto, para as mulheres os diversos trabalhos que por ventura viriam a realizar não eram assim reconhecidos pelas instituições, de modo a serem identificadas como “sem profissão”[[22]](#footnote-22).

As justificativas, ditas corretivas, das prisões de mulheres duravam geralmente uma noite e giravam em torno de desordem pública, vagabundagem, e embriaguez. Para a polícia da época, a condição de vida dessas mulheres não era relevante e seus olhares diante das mais diversas histórias partiam do mesmo princípio a todas: eram destinadas naturalmente ao lar, ao casamento e à maternidade[[23]](#footnote-23). Assim, eram julgadas e desqualificadas por valores dos quais não tinham condição de viver suas vidas.

Talvez uma das obras realizadas nas reformas de Florianópolis mais interessantes para pensar a higienização social e urbana e as mudanças operadas na vida das lavadeiras seja a construção da Avenida do Saneamento, mais tarde chamada Avenida Hercílio Luz, em homenagem ao governador que deu ensejo à sua realização.

O caso é que a atual Avenida Hercílio Luz era no começo do século XX um dos pontos considerados mais sujos da cidade, pois era aonde passava o Rio da Bulha, o mesmo que Oswaldo Cabral aponta como o “mais caudaloso e o mais temível” curso d’água que cortava a vila. Também chamado Fonte Grande, nascia nas fontes do Morro do Antão e recebia as águas de numeros córregos pelo seu caminho, percorria um longo percurso em inúmeras voltas, passava por baixo da Ponte do Vinagre e desaguava ao lado do Forte de Santa Bárbara.[[24]](#footnote-24) O Rio da Bulha cortava muitos bairros pobres –como o da Pedreira e Beco Sujo – e além de ser o local de trabalho das lavadeiras que moravam ao redor, também recebia os dejetos das casas e cortiços construídos no seu entorno. Por isso mesmo, o Rio da Bulha era visto como fonte de infecções, miasmas e epidemias, além de empecilho ao progresso e civilização, conforme relata Oswaldo Cabral:

O Rio da Fonte Grande criou – está visto – nome. Ficou célebre. Junto às suas margens surgiam os primeiros casos das epidemias que reinaram. As zonas que ele cortava, à medida que ia avançando a seu curso, iam-se tornando as piores da cidade. A Pedreira, a zona por ele flanqueada, foi “sem desconsiderar a Figueira nem a Tronqueira) o bairro mais sujo que jamais existiu em Nossa Senhora do Desterro.

 Do outro lado, o Beco do Pedro Soares, as casinhas do Campo do Manejo, os casebres do Beco Sujo, vizinhando com o quartel, completavam a paisagem. Cortiços baratos e sem conforto. Lavadeiras. Marinheiros. Soldados. Mendigos. Mulheres de má vida. Gente de má fama. Toda uma favela a marginar um rio imundo.[[25]](#footnote-25)

Desse modo, o Rio da Bulha será um dos principais alvos de políticas higienistas vindo a ser aterrado para a construção da Avenida Hercílio Luz, iniciada em 1919 e inaugurada em 1922. Ao mesmo passo que a construção da avenida era vista como a pedra angular pelos entusiastas do projeto modernizador, para a sua instalação foram levadas abaixo muitas casas dos moradores pobres do entorno do Rio da Bulha.[[26]](#footnote-26)

Em relação às lavadeiras que ali moravam seu trabalho foi dificultado. Não só perderam suas casas como também o local de trabalho, tendo que se apinhar com outras mulheres noutro riacho mais longe para continuar a lavagem de roupas. Diante disso, além dos conflitos já comentados anteriormente, é possível presumir que entre estas lavadeiras, muitas diminuiram a quantidade de roupa que podiam lavar ou mesmo se ocuparam de outras atividades. Afinal, eram mulheres pobres. Deixar de trabalhar é que não podiam.

Ademais, muitos dos moradores que tiveram suas casas derrubadas, no caso da construção da Avenida Hercílio Luz ou em outras reformas urbanas de Florianópolis, sem condições de se estabelecer em outro local, passaram gradativamente a habitar os morros próximos. Nestes casos, já despejados e coibidos de circularem no centro, certamente as casas levantadas na “pressa” não deveriam dispor de água encanada para o trabalho das lavadeiras, nem condições para diversas outras atividades.

Há de se lembrar ainda que era dos morros que o montante de água das chuvas descia e formava os córregos da vila. Assim, podemos afirmar que a ocupação desordenada dos morros e junto o desmatamento da áres afetadas contribuíram para processos de assoreamento de rios e mesmo diminuição do fluxo de água. Foi isso que aconteceu com o Rio Itacorubi, vertente oeste do morro da Lagoa da Conceição, que no processo de ocupação do morro do Quilombo acabou por perder o volume de água que tinha e passou a ser ponto de despejo de esgoto .[[27]](#footnote-27) Assim, o rio que foi local de trabalho para as tradicionais lavadeiras do Morro do Quilombo, hoje encontra-se poluído devido a degradação ambiental e falta de saneamento básico, frutos de uma ocupação desordenada e similar a que estamos debatendo[[28]](#footnote-28).

**Considerações finais**

No projeto de modernização de Florianópolis do início do século XX, as reformas urbanas aplicadas acabaram por segregar a população pobre que não constituia o perfil de pessoas desejadas a circularem nos espaços centrais da cidade. Assim, trabalhadores e trabalhadoras pobres que moravam e realizavam as suas atividades nas regiões centrais, passaram paulatinamente a ser objetos de políticas de higienização urbana, sendo literalmente empurrados para fora desses espaços.

Para as lavadeiras, além do seu trabalho e sua vida serem mal vistos pelo olhar higienista das reformas de Florianópolis, sua atividade foi especialmente dificultada por processos como a canalização da água para as casas, que antes tinham como fonte os rios que cortavam a vila, assim como o aterramento de diversos rios e córregos, caso do célebre Rio da Bulha. Assim, como pode ser constatado pelos registros de lavadeiras presas por desordem, estas mulheres vão tendo seus espaços de trabalho reduzidos, de modo a ter que dividir o mesmo córrego entre mais trabalhadoras, o que ocasiova disputas e conflitos entre estas. Esse processo também pode ter contribuído para quebrar as redes de sociabilidade estabelecidos pelas mulheres nos locais de lavagem de roupa.

Assim, as lavadeiras foram mulheres que constituíram um alvo das políticas sanitaristas de Florianópolis das primeiras décadas de República. Tiveram que rearranjar seu modo de ganhar a vida ou deixar para trás esse trabalho nas páginas de sua história.

**Bibliografia**

ARAÚJO, Hermetes Reis de. A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989.

AZEVEDO, Aluisio. O cortiço. 28. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro, Memórias I. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1971.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Nossa Senhora do Desterro, Memórias II. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1972.

FOUCAULT, Michel. (1978). A governamentalidade. Em Michael Foucault, *Microfísica do poder* (pp. 277-293). Rio de Janeiro: Graal.

PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In: Mulheres faladas, mulheres honestas: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994.

PERROT, Michele. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHMITT, Jaqueline A. M. Zarbato. Trabalhando em Florianópolis (As práticas de trabalho e as memórias de Trabalhadores e Trabalhadoras. ) 1900 – 1920. Dissertação de mestrado na área de História pela Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, 2001.

WOLFF, Cristina S. Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. Florianópolis: *Revista Catarinense de História*, n 3, 1994.

**Fontes**

# Jornal Notícias do Dia. Afastadas pela poluição, lavadeiras do Rio Itacorubi testemunham crescimento desordenado do bairro. Edson Rosa, Florianópolis, 02/03/2014.

Relatório do Chefe de polícia Ulyses da Costa ao Secretário Geral do Estado, 1916. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

1. Jornal “O Despertador”, 27/10/1865 apud CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro,Memórias II. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1972. p. 97. [↑](#footnote-ref-1)
2. O Mercantil, 01/10/1865, apud Oswaldo Rodrigues Cabral, 1972, p. 97. [↑](#footnote-ref-2)
3. Segundo o esquema para classificar a historiografia de Cristina Wolff em: WOLFF, Cristina S. Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. Florianópolis: *Revista Catarinense de História*, n 3, 1994. [↑](#footnote-ref-3)
4. A troca do nome da cidade se dá com o fim da Revolução Federalista, quando os federalistas são derrotados, Hercílio Luz vence as eleições para governador e muda o nome da cidade para Florianópolis em homenagem ao presidente republicano de então, Floriano Peixoto. Ver: PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994.p. 72-73. [↑](#footnote-ref-4)
5. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro, Memórias I. Florianópolis: Oficinas Gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1971. p. 190. [↑](#footnote-ref-5)
6. Ibidem, p. 166. [↑](#footnote-ref-6)
7. PERROT, Michele. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 202 e 203. [↑](#footnote-ref-7)
8. SCHMITT, Jaqueline A M. Zarbato. Trabalhando em Florianópolis (As práticas de trabalho e as memórias de Trabalhadores e Trabalhadoras. ) 1900 – 1920. Dissertação de mestrado na área de História pela Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, 2001. [↑](#footnote-ref-8)
9. Entrevista realizada por Jaqueline Schmitt com D. Hercília Oliveira, em 2001 com 89 anos. [↑](#footnote-ref-9)
10. AZEVEDO, Aluisio. O cortiço. 28. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 21. [↑](#footnote-ref-10)
11. Idem. [↑](#footnote-ref-11)
12. ARAÚJO, Hermetes Reis de. A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989. p. 11. [↑](#footnote-ref-12)
13. Ibidem, p. 134. [↑](#footnote-ref-13)
14. FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. Em Michael Foucault, Microfísica do poder . Rio de Janeiro: Graal. (1978). p. 277-293. [↑](#footnote-ref-14)
15. ALMEIDA, João Ribeiro de. Ensaio sobre a Salubridade, Estatística e Pathologia da Ilha de Santa Catarina e em particular da Cidade de Desterro (1864). In: Enciclopédia do Almirante Carneiro – Setor de Santa Catarina, Biblioteca Central UFSC, apud Hermetes Reis de Araújo, op. cit., p. 85, 86. [↑](#footnote-ref-15)
16. Ibidem. p. 17. [↑](#footnote-ref-16)
17. Ibidem p. 21. [↑](#footnote-ref-17)
18. PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 157. [↑](#footnote-ref-18)
19. Ibidem, p. 158. A pesquisa de Joana Pedro foi realizada nos relatórios dos chefes de polícia – Mapas de Inquéritos Policiais – outubro de 1910 a maio de 1911; Idem para 1918, 1914, 1911 e 1914, respectivamente. [↑](#footnote-ref-19)
20. Relatório do Chefe de polícia Ulyses da Costa ao Secretário Geral do Estado, 1916. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. [↑](#footnote-ref-20)
21. PEDRO, Joana M. op. cit., p. 157. [↑](#footnote-ref-21)
22. SCHMITT, Jaqueline A M. Zarbato, op. cit. p. 05. [↑](#footnote-ref-22)
23. PEDRO, op. cit., p. 157. [↑](#footnote-ref-23)
24. CABRAL, Oswaldo R. op. cit., p. 188-190. [↑](#footnote-ref-24)
25. Ibidem, p. 193, 194. [↑](#footnote-ref-25)
26. ARAÚJO, Hermetes Reis de. op. cit. p. 20-21. [↑](#footnote-ref-26)
27. Jornal Notícias do Dia. Afastadas pela poluição, lavadeiras do Rio Itacorubi testemunham crescimento desordenado do bairro. Edson Rosa, Florianópolis, 02/03/2014. Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/afastadas-pela-poluicao-lavadeiras-do-rio-itacorubi-testemunham-crescimento-desordenado-do-bairro>. Acesso em 26/011/2017. [↑](#footnote-ref-27)
28. Idem. [↑](#footnote-ref-28)